

Free  
Distribution  
Distribuição  
Gratuita

GOOD NEWS AND GOOD COFFEE GO TOGETHER



珈琲と新聞の時間

Director/Diretor - Clifton Sundermeyer | Nº 14 | August/Agosto 2024 | <https://www.coffee-time-news.org>

## Ms. Susie Loraine

### A Life of Transitions

### Uma Vida de Transições

The Coffee Time News team had the wonderful opportunity to interview Susie Loraine, whose life full of rich experiences made for a captivating interview. Isabel Borges, Constança Simões, Rafaela Matos, Diogo Borges, Guido Gomes and Francisca Varela learned about her time spent touring with famous rock bands before she did a 180 and went to college so she could work in the field of social work and help families when one of their members is at the end of his or her life. Our interview covers all the angles of her life and makes for interesting reading for anyone interested in social work, rock and roll or the current state of the United States. Thank you, Ms. Loraine, for your time with us and thank you to our student-journalists for all their effort in making this interview a reality.

*A equipe da Coffee Time News teve a maravilhosa oportunidade de entrevistar Susie Loraine, cuja vida foi cheia de experiências ricas, concedeu-nos uma entrevista cativante. Isabel Borges, Constança Simoes, Rafaela Matos, Diogo Borges, Guido Gomes e Francisca Varela aprenderam sobre o seu tempo em turnê com bandas de rock famosas, antes de fazer uma mudança de 180 e ir para a faculdade para trabalhar na área de assistência social e ajudar famílias quando um dos membros está em fim de vida. A nossa entrevista cobre todos os ângulos da sua vida e torna a leitura interessante para qualquer pessoa interessada em assistência social, rock and roll ou no estado atual dos Estados Unidos. Obrigado Sra. Loraine, pelo seu tempo conosco e obrigado aos nossos estudantes-jornalistas por todo o seu esforço em tornar esta entrevista uma realidade.*

**Diogo Borges:** What motivated you to do this kind of work... to do palliative care?

**Susie Loraine:** Well, first of all, I don't do palliative care; I do hospice. They're two separate things. Palliative care is when a person, at least in the United States, is very ill and they just need basically comfort care. They're not really dying yet. In hospice, they have to have a prognosis of six months or less which means that their life will end, they think, in six months. Of course, doctors are not God, so they don't ever really know, but palliative is for people who don't need that level of care. It's a little bit less.

What motivated me to get into it? I went to college when I was quite old. I went to college when I was forty-seven. I had never been to college before and I always wanted to be a social worker, but I always thought I wanted to be therapist... you know, a psychotherapist, but the more I got through school, the more I thought that I didn't want to sit in a chair eight hours a day listening to people's problems. In graduate school, where I got my Master's degree, I had a professor who worked in hospice and the more he talked to me, the more I was attracted to it. You're helping people; you're ushering them to the other side. I've always been very good at providing comfort to people outside of my family. They just think I'm annoying. Also, I wasn't there for my grandmothers when they passed away and it's kind of like I'm doing this for them.

**Diogo Borges:** O que é que a motivou para fazer esse tipo de trabalho...cuidados paliativos?

**Susie Loraine:** Então, antes de mais, eu



*não faço cuidados paliativos, eu ajudo na fase terminal. São duas coisas diferentes. Cuidados paliativos é quando a pessoa, pelo menos nos Estados Unidos, está muito doente e só precisa basicamente de cuidados de conforto. Elas ainda não estão a morrer. Na fase terminal, elas têm uma esperança média de vida de seis meses, ou menos, o que significa que a vida delas está a acabar. É obvio que o médico não é Deus. Por isso eles nem sempre sabem, mas os cuidados paliativos são para pessoas que não precisam desse tipo de tratamento, é um pouco menos. O que é que me motivou a fazer este género de trabalho? Eu entrei*

*na universidade um pouco velha, entrei com 47 anos. Eu nunca tinha estado na universidade antes, e eu sempre quis ser assistente social ... mas eu também pensava que queria ser terapeuta... sabes, uma psicoterapeuta, mas quanto mais tempo eu passava na escola, mais me apercebia que não queria ficar sentada numa cadeira oito horas por dia a ouvir problemas de outras pessoas. Quando eu acabei a escola e obtive o mestrado, tive um professor que trabalhou com pessoas em fase terminal, e quanto mais eu falava com ele mais eu ficava interessada no assunto. Tu estás a ajudar as pessoas, estás a*

*encaminhá-las para o outro lado. Eu sempre fui muito boa a fornecer conforto a pessoas que não são da minha família – acham que eu sou irritante. Também, eu não estive presente para os meus avós quando eles morreram, e sinto que estou a fazer isto por eles.*

**Isabel Borges:** Please tell us what your job description is. What are your main functions?

**Susie Loraine:** Okay, when a patient has been told that they have less than six months to live, the hospice will go and interview them, do a medical checkup, verify what the doctors have said. I go in ... we have nurses, we have caregivers, we have chaplains and social workers and a doctor, so everybody goes in and it's a team effort to provide support for the patient. My job in particular is a little more administrative than I really like because there's paperwork that I have to help patients with including something called "Do Not Resuscitate", because if you have a ninety-year-old and they stop breathing and if somebody comes in and does CPR on them, it'll break their ribs and perhaps puncture their lungs and so a "Do Not Resuscitate" is a request by the patient to not have heroic measures applied to them to keep them alive. Most people sign them and some people don't out of their religious views, but it's the paperwork I don't like. I wasn't expecting that and I really struggled at the beginning for me. I think, maybe, I should have been a chaplain, except for I'm not religious, so I don't know if I would have fit in there. It's a lot of paperwork that you have to notate every day when you see the patient.

They call them SOAP notes. It means subjective, objective, assessment and plan, so I have to put in the notes what I see, how the patient feels, what they're seeing and what I'm seeing. What I'm seeing is the objective part and then my assessment of the situation and the plan going forward. It's a little more complicated than that, but it's a SOAP note.

**Isabel Borges:** Por favor, conte-nos o que é o seu trabalho. Quais as funções principais?

**Susie Loraine:** Quando dizem a um paciente que lhe restam apenas seis meses de vida, as pessoas que trabalham na fase terminal irão entrevistar a pessoa, fazer um diagnóstico e verificar o diagnóstico do médico. É aí que eu entro, enfermeiras, cuidadores, capelães, assistentes sociais e um doutor, todos nós formamos uma equipa com o objetivo de prestar suporte aos pacientes. O meu trabalho, em particular, é um pouco mais administrativo do que eu gostaria porque há muita papelada que tenho de ajudar a fazer, incluindo algo chamado "não ressuscites", porque se tiveres algum paciente com mais de 90 anos e ele entrar em paragem cardiorrespiratória, os cuidados poderão partir alguma costela e perfurar o pulmão. Então, o "não ressuscites" é um pedido feito pelo paciente para não ter lugar a medidas heroicas para o manter vivo. A maioria das pessoas assina-os, outros não, por razões religiosas; é a papelada que eu não gosto. Eu não estava à espera disso e tive muita dificuldade no início. Eu acho que, talvez, devesse ter sido capelã, mas como não sou religiosa, então não sei se eu me teria encaixado bem nisso. Há muita papelada que precisas de preencher todos os dias quando se vê um paciente. Chamam-lhes SOAP notes. Quer dizer subjetivo, objetivo, avaliação e planeamento, então preciso de pôr nas notas o que eu vejo, como o paciente se sente, como está a ser avaliado e o que eu acho disso. O que eu vejo é a parte objetiva, depois faço a minha avaliação da situação e o plano contínuo de cuidados. É um pouco mais complicado do que isto, mas isto é um SOAP note.

**Constança Simões:** What was the worst thing that you had to experience on the job? Did your education and training prepare you well enough for it?

**Susie Loraine:** Other than the paperwork, sometimes the patients and the families present issues. I had a patient who was estranged from her family and she was dying and she actually died while I was in the room with her and the hard part was that I talked to her daughter. I actually used a private investigator to find her and the daughter was like, "I don't want anything to do with her," so she died alone with me and the chaplain. She was a very angry woman. That's the part that nothing can prepare you for. There's estrangement in my family, but there's not that bitter hate. That was difficult and "did my education prepare me?" No. But you know

what life prepared me for that because people are all different.

**Constança Simões:** Qual foi a pior coisa que experienciou no seu trabalho? Sentiste-te bem preparada com a educação e treino que tinha?

**Susie Loraine:** Além da papelada às vezes os pacientes e os seus familiares têm os seus problemas. Eu tive uma paciente que não tinha contacto com a sua família, estava a morrer... e morreu enquanto eu estava no quarto com ela. A parte mais difícil foi encontrar a sua filha, e para isso utilizei um investigador privado, que me disse que não queria nada com a mãe. Então ela morreu comigo e com o capelão. Era uma senhora muito revoltada, e essa é a parte que ninguém te prepara. Há problemas na minha família, mas não existe esse tipo de ódio. Foi um momento muito difícil, e será que a minha educação me preparou? Não. Mas sabem, a vida preparou me para isso porque somos todos diferentes.

**Rafaela Matos:** How do you maintain your sanity as you deal with end-of-life matters as a job?

**Susie Loraine:** Music is a big part of my sanity, and you know, I have a lot of support from my friends and it's important. I've worked at several different hospitals and it's super important to work in a supportive environment where people are there for each other and it's not always the case. The chaplains... I talk to the chaplain and sometimes I wonder if there is something wrong with me because when somebody dies I don't feel very much connected emotionally. I mean, I'm sad and I cry, but it's about self-care, you know, you have to have your own hobbies, you have to have support and you have to talk about it. That's the most important thing. A lot of the nurses are closed down. They don't talk about it and I think there are some angry nurses and that's probably a big contributor to that.

**Rafaela Matos:** Como consegue manter a sua sanidade mental ao lidar com experiências de fim de vida, como trabalho?

**Susie Loraine:** A música é, em grande parte, responsável pela minha sanidade, e tu sabes, eu tenho muito apoio dos meus amigos, e isso, é importante. Eu trabalhei em vários hospitais diferentes e é super importante trabalhar num ambiente de apoio, onde as pessoas estejam umas para as outras, mas nem sempre é o caso. Os capelães... eu falo com o capelão e às vezes pergunto-me se há algo errado comigo, porque quando alguém morre não me sinto muito conectada emocionalmente. Quer dizer, estou triste e choro, mas é sobre autocuidado, tu percebes? Tens de ter os teus próprios hobbies, tens de ter apoio e falar sobre isso. Essa é a coisa mais importante. Muitas das enfermeiras estão fechadas. Elas não falam sobre isso, e acho que há algumas enfermeiras desmotivadas e, provavelmente, isso é um grande contributo para isso.

**Constança Simões:** After one of your patients has passed away, do you need recovery time before taking on a new patient or do you typically move on to your next patient? Do you handle multiple patients at the same time?

**Susie Loraine:** Yes, well, no and yes... there is no time to slow down. I mean, we'll go to the patient's funeral and usually you have anywhere from thirty to fifty patients. Yes, that's a lot and you have to see each patient once a month and some people require you to come once a week, so we're very busy in hospice and there's no time to stop and grieve.

**Constança Simões:** Após a morte de um dos seus pacientes, precisa de tempo para recuperar antes de ter um novo paciente ou vai logo para o próximo paciente? Tem vários pacientes ao mesmo tempo?

**Susie Loraine:** Sim, bem, sim e não... não há tempo para parar. Quer dizer, vamos ao funeral do paciente e, normalmente, temos entre trinta e cinquenta pacientes. Sim, é muito e temos de ver cada paciente uma vez por mês e outros precisam que vás uma vez por semana, então estamos sempre ocupados no hospício, não há tempo para parar e ficar de luto.

**Isabel Borges:** Do you believe people have the right to die? What I mean is if someone is extremely ill, should they have the ability to choose assisted suicide?

**Susie Loraine:** I do believe in that, yes. I mean we do it with animals all the time and people who have the mental abilities to make that decision... I believe that they should be able to. It's not legal where I live. There are only a few states where that is legal, but I believe if people want to get out of here, they should have that option.

**Isabel Borges:** Acredita que as pessoas têm o direito de morrer? O que quero dizer é, se alguém estiver gravemente doente, deve ter a opção do suicídio assistido?

**Susie Loraine:** Eu acredito nisso, sim. Quer dizer, estamos sempre a fazer isso com os animais e as pessoas que têm a capacidade mental de tomar essa decisão... eu acho que deviam ter essa opção. Isto não é legal onde eu moro. Só há alguns estados onde isso é legal, mas eu acho que se as pessoas quiserem partir, devem ter essa opção.

**Guido Gomes:** What does society need to do ASAP to help protect elderly rights and how we treat senior citizens?

**Susie Loraine:** We need to respect our elders and we need to listen to them because they have a lot of life experience. Unfortunately, many young people don't want to listen, like my own children. If I could impart to them the lessons that I've learned and they would learn from it they would save themselves a lot of pain and struggle in their lives. But you can't live their lives for them. Everybody is going to make their own mistakes, but, if you can, learn from your grandparents and other older people. And to protect their rights, you know, the government can

make lots of laws, but unless we have respect for them the laws mean nothing. They just changed the law here, because a lot of the care homes, these big institutional warehouses for old dying people and they would have very few people to take care of them.

**Guido Gomes:** O que deve a sociedade fazer rapidamente para proteger os direitos dos idosos, e como tratamos os cidadãos seniores?

**Susie Loraine:** Precisamos respeitar os mais velhos, e precisamos ouvi-los porque eles têm muita experiência de vida. Infelizmente, muitos jovens não os querem ouvir, como os meus próprios filhos. Se lhes pudesse transmitir as lições que eu aprendi, eles aprenderiam com isso, poupar-se-iam de muita dor e luta nas suas vidas. Mas tu não podes viver a vida deles por eles. Toda a gente vai cometer os seus próprios erros, mas se tu puderes, aprende com os teus avós e outras pessoas mais velhas. E para protegeses os seus direitos, sabes, o governo pode fazer muitas leis, mas a menos que tenhamos respeito por eles, as leis não significam nada. Aqui, acabaram de mudar a lei porque muitos dos lares de idosos, deram lugar a grandes armazéns institucionais onde os idosos estão a morrer, porque havia muito poucas pessoas para cuidar deles.

**Rafaela Matos:** Which country would you most like to visit in the future? What have you learned by traveling?

**Susie Loraine:** I'd like to live somewhere other than the United States, because of the political situation here. I'm very worried but I have a friend that moved to Portugal last year or two years ago. She loves it, so I would love to live there. I like Vigo, Spain a lot. It's a beautiful little city. I love Italy... absolutely love Italy. Florence is fabulous... Venice... Rome even. All of them. I love Europe. I have learned that there is a lot more peaceful places than here (the USA). Also, that people are people wherever you go. People are the same. We love. We hate. We hurt. We're all the same.

**Rafaela Matos:** Que país mais gostava de visitar no futuro? O que aprendeu nas suas viagens?

**Susie Loraine:** Eu gostaria de viver noutra sítio que não os Estados Unidos, por causa da situação política. Eu estou muito preocupada, mas tenho uma amiga que se mudou para Portugal no ano passado ou há dois anos. Ela adora, então também vou adorar viver aí. Eu gosto muito de Vigo em Espanha. É uma pequena cidade linda. Eu adoro Itália... simplesmente adoro Itália. Florença é fabulosa... Veneza... Roma. Todas. Eu adoro a Europa. Eu tenho aprendido que há sítios mais pacíficos do que aqui, nos EUA. Também existem pessoas em qualquer lugar para onde vás. As pessoas são as mesmas. Nós adoramos. Nós odiamos. Nós magoamo-nos. Somos todos iguais.



# Jeff Chapin

Retired lifelong military officer talks to Coffee Time News about his life and career dedicated to military service.

*O oficial militar aposentado, deu uma entrevista ao Coffee Time News Falando sobre a sua dedicada carreira como militar.*

**Benedita Pereira:** Over the years, how has the image of the Vietnam Vet changed? In the movies, it is clear that the American public didn't honor them immediately after the war. How has the public attitude changed over the years?

**Jeff:** I'll give you a statistic. In the Second World War ..... America was laissez-faire (minimum interference by government) during the First World War and leading up to the Second World War America got out and became a global nation, so it took an effort and today we look back at the Second World War Veteran and we say they were heroic. Well, that's true, but at the same time America went through a Korean War, which was a United Nations War then it went into the Vietnam War and there are more steps than that, but in the Vietnam War they went back to the draft and bringing all the different people together but average people were drafted at a higher rate than people of means so there's a different attitude there of the kind of people you're bringing into the service. The statistic I wanted to give you was in the Second World War the average draftee was twenty-six years old... not a teenager. The age of the Vietnam Veteran draftee was nineteen, so Vietnam draftees were much younger and less mature. However, the statistics and studies done on the Second World War: the first time Americans were in a truly global war. In the First World War, the States came in late and we did almost nothing. In the Second World War, when Americans were deployed to Europe and they had first contact with the enemy – they ran away, threw their weapon down, they got scared and it was very disappointing. It is easy to understand, but when you look back they were courageous to do it but most of them didn't do it right the first time. The Vietnam veteran... 93% of drafted soldiers on their first contact stood and fought and they fought without hesitation. They have a bad image at times but they're more honorable in truth than our ancestors. They were more willing to act as patriots in Vietnam than they were in the Second World War. In the Second World War, we felt it was Europe's war or Japan's war... it wasn't our war to the average person. We weren't so willing or eager to go off and do that. With Vietnam, most were drafted and didn't ask to join and even though they were drafted they still, over 93%, went and fought and

did exactly what was expected. So, the image is bad I think, because I think the American press doesn't cover the truth. Instead of trying to find the truth, they're trying to find an impression that they can sell newspapers with. Much of what we see in modern culture and modern history is marketing. It's not fact. As a student you do wonderful things and you study very hard and you give everything to what you're doing and most of the people in your life don't really recognize all the work you do. That's the same thing with the veterans.

**Benedita Pereira:** Ao longo dos anos, o que mudou na imagem dos veteranos do Vietname? Nos filmes, é claro que o povo americano não os honrou, imediatamente, depois da guerra. Como é que a atitude do povo mudou passados estes anos?

**Jeff:** Eu vou te dar uma estatística. A América era laissez faire entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, e para nós, os veteranos da II Guerra Mundial eram heroicos. Bem, isso é verdade, mas a seguir a América esteve na Guerra da Coreia, que era uma guerra das Nações Unidas, depois entrou na Guerra do Vietname e existem mais acontecimentos do que estes, e na Guerra do Vietname o governo americano voltou ao recrutamento, juntou pessoas diferentes e as pessoas normais foram selecionadas em maior percentagem do que as pessoas mais ricas, então houve uma atitude diferente por parte das pessoas que nós trouxemos para o serviço militar. A estatística que quero dar-vos é que na Segunda Guerra Mundial a maioria dos selecionados tinham 26 anos... não adolescentes. A idade dos selecionados para o Vietname era 19 anos, por isso os recrutados do Vietname eram muito mais novos e menos maduros. Contudo, as estatísticas e estudos feitos sobre a Segunda Guerra Mundial são as primeiras análises sobre a presença dos americanos numa verdadeira Guerra Mundial. Na Primeira Guerra Mundial, os EUA chegaram tarde de mais, e nós não fizemos quase nada. Na Segunda Guerra Mundial, quando os americanos chegaram à Europa e tiveram o primeiro contacto com o inimigo – fugiram, largaram as armas porque ficaram assustados e isso foi frustrante. É fácil de perceber, quando olhamos para trás achamos que foram corajosos, mas a maioria não o fez bem na primeira vez... 93% dos soldados escolhidos para o Vietname, no seu primeiro contacto com o adversário, enfrentaram-no e lutaram sem hesitações.

*Eles não têm uma boa imagem atualmente, apesar terem sido mais determinados do que os seus antepassados. Eles tiveram mais vontade de agir pela sua pátria no Vietname, do que na Segunda Guerra Mundial. Na Segunda Guerra Mundial, sentimos que era a guerra da Europa ou do Japão... não a nossa guerra para a maioria das pessoas. Não estávamos tão determinadas para o fazer. No Vietname, a maioria dos destacados não pediu para se alistar, e embora tivessem sido recrutados, 93% aceitaram, lutaram e fizeram exatamente o que era esperado. Por isso, eu penso que a má imagem se deve à comunicação social americana que não cobriu exatamente a realidade. A comunicação social tentou encontrar a versão que vendesse mais jornais. Muito do que vemos na história e cultura moderna é marketing. Não são factos. Como estudante, tu fazes coisas incríveis, estudas muito e fazes tudo o que te pedem, e a maioria das pessoas não reconhece o teu árduo trabalho. Acontece o mesmo com os veteranos.*

**Francisca Rafael:** After the war, how did veterans deal with the experience? Were they offered any support from the government after the war was over?

**Jeff:** Every veteran has tons of support if you ask the government. The government says we give you everything, but you have to understand that many veterans were damaged or psychologically hurt. You can love them to death and they don't feel it... they question it. When people go through trauma, they have to be able to live long enough to get past it... get better. And the government does a good job helping them... but it could be better. But at the same time everybody was trying to help... why did America as a nation seem to turn their backs on the veterans of Vietnam? Primarily that's because that's what the press told them to do. The press told the public that it wasn't a righteous war. There is no righteous war. There's an honorable effort from the people who do their job and they did their best. When the Second World War ended over four million American soldiers just out of the Pacific theater were discharged before they got back home. They were on ships in the middle of the ocean and they were told they were no longer in the military and when they got back to the States they had to find their own way to get home. If they lived on the East Coast, but they came in on the West Coast, they had to find their



own way to get home. The government wouldn't even send them home. The was the Second World War. Today, at least, we do better at that. So, the answer is yes, the government gave them a lot and still give them a lot, but it doesn't always feel like it for the veteran because of what they had to endure ... the hurt doesn't go away just because you get home. You carry it with you for your whole life. It often doesn't feel like the people around us really know or really care. That includes the government.

**Francisca Rafael:** Depois da Guerra, como é que os veteranos lidaram com a experiência? Foi-lhes oferecido algum apoio, por parte do governo, depois da guerra acabar?

**Jeff:** Cada veterano tem toneladas de apoios, se perguntares ao governo. O Governo refere que lhe entregamos tudo, mas temos de entender que há muitos veteranos que ficaram física e psicologicamente afetados. Tu podes amar os mortos e o Governo não o entende... eles questionam isso. Quando as pessoas passam por traumas, têm de ser capazes de viver o suficiente para ultrapassá-los... ficarem melhor. E o governo fez um bom trabalho em dar-lhes essa ajuda... Mas podia ser melhor. Ao mesmo tempo toda a gente tentou ajudar... porque os Estados Unidos, como nação,

não parecia estar a virar as costas aos veteranos do Vietname? No início sim, porque era o que a imprensa dizia. Os meios de comunicação social transmitiam ao público que não tinha sido uma guerra justa. Ali, não houve uma guerra justa. Houve um esforço honroso das pessoas que fizeram o seu trabalho e deram o seu melhor.

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou, mais de quatro milhões de soldados americanos acabados de sair do teatro do Pacífico, regressaram a casa. Estavam em navios no meio do oceano, e foi-lhes dito que já não estavam no exército, e quando regressassem aos Estados Unidos tinham de encontrar o seu próprio caminho para casa. Se viviam na Costa Leste, mas entraram na Costa Oeste, tiveram de encontrar o seu próprio caminho de regresso a casa. O governo nem sequer os enviava para casa. Era a Segunda Guerra Mundial. Hoje, pelo menos, isso fazemos melhor. Portanto, a resposta é sim, o governo deu-lhes muito e ainda lhes dá muito, mas nem sempre é entendido assim pelo veterano, por causa do que tiveram de suportar... a dor não desaparece só porque se chega a casa. Carregam-na consigo durante toda a

vida. Muitas vezes parece que as pessoas à nossa volta, realmente, não sabem ou não se preocupam. Isso inclui o governo.

**Francisca Rafael:** Is there someone who you know and who you lost in the war who you would like to mention?

**Jeff:** Oddly enough, one of the failings in my life... I've met many people... many I've lost along the way in different ways, but with age I forget who they are. I remember I had a pilot who had been in Germany... just... he just crashed and I don't even remember his name now, because at some point you have to put things in the past or they keep hurting you forever and so if there's somebody I'd like to mention... I'd like to mention everyone who went there out of love for their country and didn't come home.

**Francisca Rafael:** Existe alguém, do seu conhecimento, que tivesse morrido na guerra e que gostasse de mencionar?

**Jeff:** Por mais estranho que pareça ... eu conhecia muitas pessoas... e perdi muitas delas pelo caminho, de diferentes maneiras, mas com a idade esqueci-me delas. Eu recordo um piloto que esteve na Alemanha... simplesmente teve um acidente de

avião, mas já não me lembro do seu nome. Por algumas coisas do passado ou por continuarem a fazer-te sofrer para sempre, não se podia mencionar... gostaria de mencionar todos os que lutaram pelo País e não voltaram para casa.

**Francisca Rafael:** What happened to the widows and their children? Was there much assistance given them after they had lost their husbands?

**Jeff:** Oddly enough, that was something we were terrible at. Nobody complains about it. We don't take care of the families as well as we should. We just don't. The death benefit is about 250 dollars a month. It is almost nothing. What they do do is have insurance for you. Today it is better, but during the Vietnam period it was literally almost nothing. If the family didn't step up to help the wife and children then they didn't get much help. They just didn't. It is terrible.

The American tradition is that we honor the uniform, we don't necessarily honor the person who is wearing it, so because of that the government's intent is whoever is wearing the uniform is acting responsibly and heroically, but as far as all

their children and their spouses... that's kind of a personal matter. They provided them almost nothing. Very little.

**Francisca Rafael:** O que se passou com as viúvas e os filhos? Após a morte dos seus maridos, foi-lhes dada alguma assistência?

**Jeff:** Por mais estranho que pareça, isso foi algo que nós não tratámos bem. Ninguém reclamou sobre isto. Nós não cuidámos das famílias, tão bem, como devíamos. Simplesmente não o fizemos. O apoio por morte é à volta de 250 dólares por mês. É pouca coisa. O que o Governo faz é conceder-lhes seguros. Atualmente está melhor, mas durante o tempo de guerra do Vietname foi literalmente quase nada. Se a família não ajudasse a mulher e os filhos, estes não tinham muita ajuda. Eles simplesmente não recebiam nada. Era terrível.

A tradição americana honra o uniforme, mas não o fazíamos necessariamente à pessoa que o vestia. Então por causa disto, a intenção do governo é que qualquer um que veste o uniforme seja, automaticamente, responsável e heroico, mas isto não inclui as suas famílias ... é um tipo de assunto pessoal. O governo não ajuda quase nada as famílias. Muito pouco.

Datasheet / Ficha Técnica

Coffee Time News - August/Agosto 2024

E-mail - lisbonchicago@gmail.com

Site - www.coffee-time-news.org

Instagram - coffee\_times\_news

Director / Diretor - Editor - Clifton Sundermeyer

Contributors / Colaboradores



Benedita Pereira



Constança Simões



Diogo Borges



Francisca Rafaela



Guido Gomes



Isabel Borges



João Rosa



Rafaela Matos

Other contributors / Outros Colaboradores:

Francisca Varela, Helena Santos, Maria Calado

Pagination / Paginação - Print / Impressão - Imprime Artes Gráficas



**Pocsor**  
Consultoria Integrada

Tel./Fax (+351) 242 206 869 | Tlm (+351) 938 909 537  
Rua Condes da Torre, 15 | 7400-308 Ponte de Sor, Portugal  
[www.pocsor.com](http://www.pocsor.com) | [facebook.com/pocsor](https://facebook.com/pocsor)



**Chicago Institute of Studies**  
**Instituto de Estudos Chicago**

**Learn More English**  
**Aprenda mais Inglês**

✉ [lisbonchicago@gmail.com](mailto:lisbonchicago@gmail.com)



**BAIRRO DA SAÚDE**

A Farmácia Matos Fernandes está mais próxima dos utentes em:

[www.bairrodasaude.pt](http://www.bairrodasaude.pt)



Jardim-Escola João de Deus

Ponte de Sor



242 094 750  
925 486 635



[pontesor@escolasjoaodeus.pt](mailto:pontesor@escolasjoaodeus.pt)  
[www.joaodeus.com](http://www.joaodeus.com)



Avenida da Liberdade  
7400-217 PONTE DE SOR, PORTUGAL